

ETIMOLOGIA EM VARRÃO: A ORIGEM DOS NOMES DE IMORTAIS E MORTAIS

Giovanna Mazzaro VALENZA¹

■ **RESUMO:** Varrão, gramático do séc. I a.C., em sua obra intitulada *De lingua latina*, faz, entre outros, um estudo de vários vocábulos latinos. Este artigo pretende expor um trecho do livro V da referida obra, em que o autor explica (ou tenta explicar) a origem e o significado de alguns nomes de imortais (deuses) e mortais (homens, animais e vegetais).

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Varrão. Etimologia. História da lingüística.

Introdução

Marcus Terentius Varro (116-27 a.C.) nasceu em Reate, território Sabino, e viveu na Idade de Ouro da Literatura Latina (séc. I a.C.). Escreveu poesia, sátiras, estudos sobre Antigüidade, Educação, Filosofia, Agricultura e Linguagem. Sua obra completa constava de 74 títulos (cerca de seiscentos livros) mas, destes, restam apenas o *De re rustica* (CARDOSO, 2003), um tratado sobre agricultura, e os livros V-X – dedicados a Cícero – do *De lingua latina*² (Sobre a língua latina), uma gramática composta de 25 livros

¹ Graduanda do Curso de Letras (Bacharelado em Lingüística – Português-Latim) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes-SCHLA – Universidade Federal do Paraná-UFPR – 82520-590 – Curitiba-PR, Brasil. E-mail: giovanna_valenza@yahoo.com.br.

² Usei a edição da Harvard University Press, que é uma tradução comentada dos livros V-VII, feita por Roland G.Kent (1999).

que tratam de etimologia, morfologia e sintaxe. Essa obra é um “estudo do sentido”, em oposição a outra obra sua, o *De sermone latino* (Sobre a expressão latina) (DESBORDES, 1995), que é um “estudo da forma” (DESBORDES, 1995, p.46).

Varrão foi o primeiro gramático latino importante de que se tem notícia. Embora não tenha tido tanto prestígio na sua época, pelo fato de tratar mais de reflexões lingüísticas que sistematizações, foi provavelmente o mais original de todos os escritores latinos. No período medieval, autores sem nenhuma originalidade – entre eles Prisciano – exerceram mais influência sobre a teoria lingüística predominante do que Varrão. Este fez adaptações ao estudo do latim das idéias dos seus predecessores e contemporâneos gregos e soube aproveitá-las de modo inteligente, enquanto aqueles apenas descreveram o latim seguindo as linhas de estudos fixadas para o grego na *Tékhnē grammatiké* de Dionísio Trácio e os trabalhos sobre sintaxe de Apolônio Díscolo (ROBINS, 1983, p.37).

Os estudos morfológicos presentes no *De lingua latina* (KENT, 1999) – nos quais Varrão opõe analogia e anomalia – são muito apreciados, mas a parte em que trata de etimologia – na qual estabelece a relação analógica entre as palavras e as coisas – recebeu críticas de muitos autores, entre eles Quintiliano (PEREIRA, 2000), que considerava Varrão “o mais culto dos romanos”. No cap.IV da sua obra *Institutio oratória* (Educação oratória), Quintiliano (apud PEREIRA, 2000, p.157-158) menciona algumas das etimologias absurdas de Varrão. Aulo Gélío (apud CECATO, 2005), no cap.XVII das suas Noites áticas, explica como Varrão, no livro XIV, critica a falsa etimologia de seu mestre Élio, mas, no mesmo livro, cai em tal erro, apresentando falso étimo à palavra *fur* (“ladrão”). Varrão (GÉLIO apud CECATO, 2005, p.56, grifo do autor) diz:

Enganou-se Élio, pois muitas das palavras antigas dos gregos, como se fossem nossas próprias, resultaram em ligações etimológicas falsas. Não dizemos pois *leporem* ‘lebre’, como ele afirma por ser aquilo que é *leuipes* ‘de pés ligeiros’, mas porque esta é uma palavra grega antiga – *lepor*.

E, no mesmo livro, diz que *fur* vem do que os antigos latinos chamavam *furvo*, negro – assim, os ladrões, durante a noite, que é negra, roubariam mais facilmente. Mas, segundo Gélío (apud CECATO, 2005, p.56), *fur* também veio do grego *phor*.

Parece que os estudos etimológicos foram o grande deslize de Varrão. Ao longo deste trabalho, pretendo apontar as suas possíveis influências, mostrar exemplos em que ele apresenta falsa etimologia para determinados vocábulos e provar que, mesmo não conseguindo ser “correto” naquilo que pretendia, deixou para a posterioridade importantes registros sobre a história e cultura de sua época. Para isso, escolhi uma parte do livro V do *De língua latina* (KENT, 1999, p.53-101) – que é um estudo das palavras que são nomes de lugares e das coisas que estão nos lugares – que trata especificamente dos nomes de imortais (deuses) e mortais (homens, animais e vegetais).

História dos estudos etimológicos: Grécia e Roma

A referência ao estudo da etimologia já pode ser encontrada na *Tékhnē grammatiké* (TRÁCIO apud CHAPANSKI, 2003). Dionísio Trácio (apud CHAPANSKI, 2003, p.91) divide a gramática (“[...] conhecimento empírico do comumente dito nas obras dos poetas e prosadores [...]”) em seis partes e coloca a descoberta da etimologia como a quarta. Mas esse estudo, na Grécia Antiga, nada tinha a ver com o que a lingüística moderna atribui ao termo “etimologia”. Era, sim, uma pesquisa do “verdadeiro” (do ἔτυμος “verdadeiro”) significado de um vocábulo baseada na análise de suas partes constituintes.

Em vez de uma explicação sobre a origem de um vocábulo colocada numa perspectiva histórica, a filosofia grega visava a uma compreensão da idéia original que dera lugar a esse vocábulo e ainda mantém sua verdadeira significação, uma vez que a língua não era vista como um acontecimento histórico em mutação. (CÂMARA JR., 1975, p.17).

Dentre os filósofos gregos, foram os estóicos que começaram a delinear a fundamentação da gramática tradicional (SILVA, 2002, p.17). Segundo estes, todas as palavras teriam uma origem onomatopaica, a qual, com o passar do tempo e depois de a língua sofrer mudanças, não era tão objetivamente visível. Surgia, então, com a necessidade de descobrir a forma primitiva que mostrasse a origem de uma determinada palavra, a etimologia (PEREIRA, 2000, p.41-42).

No diálogo *Crátilo*, de Platão (1973, p.117-194), por exemplo, há um debate sobre linguagem e etimologia. Chega-se à conclusão de que um vocábulo resulta da justaposição dos elementos mais simples. O filósofo, então, chega a ele através da análise de seu corpo fonético e da comparação com outros vocábulos que tenham o mesmo ou um aproximado aspecto sonoro.

Assim, admite-se que *Dionysos*, o nome do deus do vinho, venha de *Διδοίνυσος*, isto é, *διδούς τόν οἶνον* ‘o que dá vinho’, e *ἀήρ* ‘ar’ é assim chamado porque *αἶρει* ‘levanta’ coisas do chão. Nessas discussões etimológicas, Platão não demonstra convicção, mas é, antes, inconsistente e volúvel: assim, *ἀήρ* é também aplicado com base no fato de que *ἀεὶ* *ρεῖ* ‘sempre flui’. Parece que o filósofo estava bastante seguro da adequação de tal investigação etimológica, mas estava também cômico da fragilidade do método empregado. (CÂMARA JR., 1975, p.17-18, grifo do autor).

Varrão foi discípulo direto de gramáticos da escola Alexandrina. A própria definição de gramática segue de perto a de Dionísio Trácio (apud PEREIRA, 2000, p.56): “[...] conhecimento sistemático do uso lingüístico da maioria dos poetas, historiadores e oradores [...]”. Os gramáticos latinos, seguindo o costume dos gregos de Alexandria, tiveram sua atenção voltada para a linguagem da literatura clássica, já que a gramática servia para introduzir e fundamentar os estudos literários. Por isso, nas suas gramáticas, há exemplos retirados de Plauto, Terêncio e autores clássicos, e não do latim falado e do uso escrito não-literário (ROBINS, 1983, p.43). Para Varrão, o desenvolvimento da linguagem dá-se a partir de

[...] um conjunto limitado de palavras básicas que se fizeram aceitas para representar os objetos e que serviram para produzir novas palavras através das mudanças de letras ou da forma fonética, que foram se realizando no decorrer do tempo. (ROBINS, 1983, p.37).

Os estudos etimológicos de Varrão, como já observei, apresentam problemas, que são, na verdade, problemas de toda a Antigüidade. A fragilidade e a falta de compreensão que caracterizaram o trabalho dos gregos nesse campo parecem adquirir maior relevo entre os romanos, principalmente quando derivam palavras latinas de palavras gregas pelo fato de possuírem forma e significado semelhantes (PEREIRA, 2000, p.56). Essas semelhanças eram evidentes: algumas eram empréstimos feitos no decorrer da história por causa de contatos mantidos entre os dois povos;

outras eram formas provenientes do indo-europeu, que podem ser reconstruídas pelos métodos da lingüística histórica comparada. Robins (1983, p.43) indica alguns motivos:

O papel da língua grega na história do latim foi deformado e exagerado, devido ao reconhecimento romano de sua dívida cultural para com a Grécia e aos mitos sobre a participação de heróis gregos na fundação de Roma. Na sua concepção de vocabulário que se desenvolve a partir de alterações introduzidas nas formas das palavras básicas, Varrão reuniu dois planos distintos: a etimologia histórica e a formação sincrônica por meio da derivação e flexão. Dentro de cada paradigma, certas palavras foram consideradas como básicas e as outras como produto da 'declinação' (*declinatio*), processo de mudança formal. É lamentável que Varrão e outros escritores da Antigüidade não tenham sabido distinguir esses dois planos de estudo lingüístico, posto que suas observações sincrônicas são mais instrutivas e argutas do que seus ensaios no campo da etimologia histórica.

Quintiliano (apud PEREIRA, 2000) (séc. I d.C.), outro importante gramático latino, na *Institutio oratoria*, obra em que expôs suas idéias sobre temas educacionais, menciona algumas das etimologias absurdas de Varrão:

Mas a quem, depois de Varrão, não se perdoará, se ele próprio desejou convencer a Cícero (pois a este dedicou seu tratado), acerca de *ager* 'campo', que assim se diz porque nele se faz algo [>agere, 'fazer'], e de *graguli* 'gralhas', porque essas aves voam em bandos [>greg-, 'bando'], quando o primeiro termo deriva claramente do grego, o segundo é onomatopaico? Ora, atribui-se tal valor à etimologia, que *merula* 'melro', porque o pássaro voa sozinho, fosse denominado como que a partir de *mera uolans* 'que voa só'. (QUINTILIANO apud PEREIRA, 2000, p.157-158, grifo do autor).

Na mesma obra, Quintiliano indica outros autores que também fizeram etimologias absurdas: Gávio, gramático da época do imperador Augusto e autor de uma obra de etimologia; Modesto, autor de vários livros sobre etimologia e ortografia e Estilão, gramático latino e mestre de Varrão e de Cícero, que trabalhou a etimologia à maneira dos estóicos. Sobre as falas deles, apresenta as seguintes palavras:

Falemos agora daquelas miudezas com as quais se atormentam sobretudo os apaixonados pela disciplina, que freqüentemente e de muitas maneiras procuram reconduzir a seu verdadeiro étimo as palavras que sofreram leve alteração, seja por meio de abreviações ou alongamentos, acréscimos ou supressões, seja permutando letras ou sílabas. Daí se deixarem levar,

dada sua má índole, pelos mais terríveis absurdos. (QUINTILIANO apud PEREIRA, 2000, p.154-155).

Mais tarde, na época de Prisciano (séc. V d.C.), Isidoro de Sevilla desenvolveu, em vinte livros, um amplo tratado de etimologia, seguindo os passos de Platão e dos seguidores destes. A divisão temática da sua obra, *Etimologías* (SEVILLA, 1951), bem como várias análises de vocábulos feitas por Isidoro são semelhantes às encontradas no *De lingua latina* (VARRÃO apud KENT, 1999).

Hoje, entende-se por etimologia o “[...] estudo da origem e da evolução das palavras; a disciplina que estuda a palavra nos vários estados das línguas anteriores pelas quais passou, até remontar ao étimo [...]” (HOAUISS, 2001, p.1271), ou “[...] a ciência que investiga as origens próximas e remotas das palavras e a sua evolução histórica [...]” (CUNHA, 1982, p.336). E ainda é possível dividir o campo em dois: o da etimologia científica, *i.e.*, esse estudo histórico que investiga a origem das palavras e que mostra haver continuidade entre a forma e o sentido que as palavras têm hoje, e a forma e o sentido que elas apresentavam em fases mais antigas da língua, e a etimologia popular, uma prática não-científica, por meio da qual as pessoas modificam as palavras de modo a fazer aparecer elementos que expliquem a sua significação (ILARI, 2002, p.81) – por exemplo: “palavras de baixo calão” (palavras de baixo escalão) e “cuspido e escarrado” (esculpido em Carrara³).

Essa é provavelmente uma prática muito antiga, que pode ter acontecido na Antigüidade, tanto no uso corrente da língua pelo povo, como entre os próprios estudiosos, que se preocupavam em analisar vocábulos que tivessem aspectos sonoros semelhantes, pois, pelo viés lingüístico, a etimologia popular é baseada em semelhanças morfo-fonéticas.

No tópico seguinte, passarei aos exemplos retirados do livro V do *De lingua latina* (KENT, 1999), tentando, assim, esclarecer essa forma antiga de fazer etimologia.⁴

³ “Cuspido e escarrado”: diz-se da pessoa muito semelhante, fisicamente, a outra. Trata-se de uma perversão de outra forma, bem mais elegante: “esculpido em Carrara”, pois essa cidade italiana é famosa pela qualidade de seu mármore: “João é o próprio Alfredo, esculpido em Carrara”. (ACQUAVIVA, 1994, p.38).

⁴ Kent (1999) faz observações acerca das (tentativas de) etimologias de Varrão e dá soluções para as que considera “erradas”. Entendo, aqui, por “etimologias erradas” aquelas que não atendem ao desejo do próprio Varrão de fazer etimologia científica. É bom lembrar que, como mostra Gélío (apud CECATO, 2005, p.56), Varrão criticou uma falsa etimologia de seu mestre, o que dá a entender, a meu ver, que pretendia ser correto nas suas.

Estudos etimológicos de Varrão no *De lingua latina*

Varrão pretende, no livro V (KENT, 1999), explicar a origem dos nomes de imortais e mortais. Os parágrafos dedicados aos imortais tratam dos deuses gregos e romanos. O autor inicia o trecho falando sobre os dois maiores deuses – *Caelum* (“Céu”) e *Terra* (“Terra”):

Esses dois, Céu e Terra, são um par como vida e corpo. A terra é uma coisa fria e úmida [...] e, como Zenão de Cítio diz, ‘A semente dos animais é aquele fogo que é vida e mente’. Esse calor é do Céu, porque ele tem chammas inumeráveis e imortais. Por isso, Epicarmo, quando está falando da mente humana, diz ‘Que é fogo tirado do Sol’ e, da mesma forma, quando está falando do Sol, ‘ele é inteiro composto de mente’, assim como umidade é composta de terra fria, como já demostrei antes. (KENT, 1999, p.59, tradução nossa).⁵

Noto que Varrão se preocupava em dar um tom de veracidade às suas afirmações. Para isso, cita trechos de escritores importantes, como se pode ver acima: Zenão de Cítio (331-264 a.C.), fundador do Estoicismo, e Epicarmo, poeta cômico grego que viveu nos séculos VI e V a.C. O fato de usar exemplos literários também remete à concepção que Varrão tinha de gramática.

A partir desses dois deuses (Céu e Terra), seguem-se as seguintes considerações:

Assim, as condições de procriação são duas: fogo e água. Dessa maneira, esses dois são usados logo no início das cerimônias de casamento, porque, nesse caso, celebra-se uma união, e o fogo é o elemento masculino, porque ali ele é a semente fecundante, e a água é o feminino, porque o embrião nutre-se da umidade dela, e a força da *uinctio* ‘união’ deles é *Venus* ‘Amor’. [...] Não porque Vênus deseja *uincere* ‘conquistar’, mas *uincire* ‘unir’. (KENT, 1999, p.61-62, grifo do autor, tradução nossa).⁶

⁵ “Haec duo Caelum et Terra, quod anima et corpus. Humidum et frigidum terra [...] ut Zenon Cit<ie>us, animalium semen ignis is qui anima ac mens, qui caldor e caelo, quod huic innumerabiles et immortales ignes. itaque Epicharmus dicit de mente humana: ait: ‘istic est de sole sumptus ignis’; idem <de> sole[m]: ‘isque totus mentis est’, ut humores frigidae sunt humi, ut supra ostendi.”

⁶ “Igitur causa nascendi duplex: ignis et aqua. ideo ea nuptiis in limine adhibentur, quod coniungit hic, et ma[r]s ignis, quod ibi semen, aqua femina, quod fetus ab eius humore, et horum uinctionis uis Uenus. [...] Non quod uincere uelit Venus, sed uincire.”

Kent (1999, p.58) afirma que, na chegada à casa do marido, a noiva romana precisava tocar no fogo e na água, como iniciação na adoração da família, mas, quanto a Vênus, indica que isso é morfologicamente possível, mas não provável, pois *uincere* ("conquistar") e *uincire* ("unir") parecem ser distintos etimologicamente.

A explicação para o nome de Júpiter é mais convincente:

Para os antigos, ele era chamado *Diouis* e *Diespiter*, isto é, *dies pater* 'pai do dia' (ou 'da luz'); a partir do que aqueles que vieram dele são chamados *dei* 'deidades', e *dius* 'deus' e *diuum* 'céu', de onde sub *diuo* 'sob o céu', e *Dius Fidius* 'o deus da boa-fé'. Por esse motivo, o teto de seu templo é aberto, para que dessa maneira se possa ver o *diuum*, isto é, o *caelum* 'céu'. Há quem discorde de que convém jurar por ele sob um teto fechado. (KENT, 1999, p.66, grifo do autor, tradução nossa).⁷

Curiosa é a explicação dada por Varrão (KENT, 1999, p.65, grifo do autor, tradução nossa) para o nome do deus *Sol* ("Sol"): "[...] é então nomeado ou porque os Sabinos o chamavam assim, ou porque ele *solus* 'sozinho' brilha de tal maneira que desse deus vem a luz do dia". Certo é que *Sol* não está ligado a *solus*.

Varrão continua explicando a origem dos nomes de outros deuses e comete muitos erros. Ele afirma que *Luna* ("Lua") é dessa forma nomeada porque ela sozinha *lucet* ("brilha") à noite. "Por isso ela é chamada *noctiluca* 'que brilha durante a noite' no Palatino; por isso o templo dela *noctu lucet* 'brilha de noite'." , escreve Varrão (KENT, 1999, p.65, grifo do autor, tradução nossa). Mas Kent (1999, p.65) lembra que ele também brilha porque o mármore branco brilha na luz da lua, ou porque uma luz era mantida queimando dentro do templo a noite toda. *Neptunus* ("Netuno") seria assim nomeado porque o oceano cobre (como um véu) as terras, do mesmo modo que as nuvens cobrem o céu, mas *Neptunus* não está ligado com *nuptus* ("cobertura").

Há dez capítulos (XI-XXI) dedicados ao estudo dos nomes ligados a mortais. Varrão começa falando do que diz respeito aos homens:

Todos os *sacerdotes* eram assim nomeados por causa dos *sacra* 'ritos sagrados'. Os *pontufices* 'sacerdotes superiores', como dizia o *pontifex*

⁷ "Nam olim Diouis et Di<e>spiter dictus, id est dies pater; a quo dei dicti qui inde, et dius et diuum, unde sub diuo, Dius Fidius. Itaque inde eius perforatum tectum, ut ea uideatur diuum, id est caelum. Quidam negant sub tecto per hunc deierare oportere."

maximus Quinto Cévola [Q. Mucius Scaevola, cônsul em 95 a.C., e subseqüentemente *Pontifex Maximus*,], foram nomeados por sua *posse* ‘habilidade’ e *facere* ‘fazer’, assim como *po[n]tífices*. De minha parte, acho que o nome vem de *pons* ‘ponte’: pois a ponte de madeira [a ponte de madeira em pilhas, tradicionalmente construída por Anco Márcio sobre o rio Tibre] foi primeiramente feita por eles, e da mesma forma foi também por eles repetidamente reconstruída, todas as vezes em que os ritos sagrados fossem realizados em ambas as margens do Tibre com grande cerimônia. (KENT, 1999, p.83, grifo do autor, tradução nossa).⁸

Segundo Kent (1999, p.80), Varrão pode estar certo, embora essas “pontes” talvez fossem aquelas que ficam entre esse mundo e o próximo, as quais originalmente os pontífices deveriam manter em reparo. Interessante é a dúvida do autor nessa etimologia – “De minha parte, eu acho que [...]” (KENT, 1999, p.80) – um indício de insegurança do próprio autor sobre os seus estudos. Para alguns vocábulos, talvez houvesse falta de provas concretas e ligações etimológicas coerentes, o que pode ter levado Varrão a fazer uso da etimologia popular ou da sua intuição de estudioso da língua.

Tratando de assuntos militares, Varrão (KENT, 1999, p.84-87) faz algumas suposições acerca dos nomes que eram dados aos homens em seus cargos: ele indica *praetor* (“general, pretor”) como aquele que deveria *praeire* (“ir na liderança”) do exército; *imperator* (“comandante, chefe”) como o próprio comandante do *imperium* (“império”) das pessoas; os *legati* (“embaixadores”), aqueles que eram *lecti* (“escolhidos”) oficialmente, cuja ajuda ou conselho os magistrados deveriam usar quando longe de Roma, ou que deveriam ser mensageiros do senado ou do povo; os *milites* (“soldados”), porque primeiramente a legião era feita de três *milia* (“mil/milhares”) de *milites* (“soldados”) e os *principes* (“primeiros homens”) como aqueles que desde o *principium* (“começo”) lutaram com espadas. A etimologia de *praetor* é a única correta. *Imperator* é assim chamado porque ele *imperat* (“dá ordens”); *legati* significa (“delegados/autorizados”), particípio de *legare*, não tendo ligação com *legere*; *milites* e *milia* não estão ligados etimologicamente e *principes*, pela origem, era o (“principal na luta”), os homens da linha de frente.

⁸ “Sacerdotes universi a sacris dicti. Pontufices, ut [a] Sc<a>evola Quintus pontufex maximus dicebat, a posse et facere, ut po[n]tífices. Ego a ponte arbitrator: nam ab his sublicius est factus primum ut restitutus s<a>epe, cum ideo sacra et uls et cis Tiberim non mediocri ritu fiant.”

Em seguida, o autor examina nomes que têm a ver com fortuna pessoal. Antes disso, avisa: “Alguns não são muito claros.” (VARRÃO apud KENT, 1999, p.89, tradução nossa). Entre eles, *pauper* (“pobre”), *diues* (“rico”), *miser* (“desafortunado”), *beatus* (“venturoso”). *Pauper*, para Varrão, vem de *paulus lar* (“lar pouco equipado”); *mendicus* (“mendigo”) vem de *minus* (“menos”), e seria dito de alguém que, quando há uma necessidade, tem *minus* (“menos”) que nada; *diues* (“rico”) vem de *diuus* (“pessoa divina”), a quem, sendo um *deus* (“deus”), parece não faltar nada; *opulentus* (“rico, opulento”) vem de *ops* (“propriedade”), dito de alguém que tem isso em abundância; *pecuniosus* (“endinheirado”) é da grande quantia de *pecunia* (“dinheiro”); já *pecunia* vem de *pecu* (“rebanho”), porque foi, segundo Varrão, entre guardadores de rebanho que essa palavra originou-se. Todas as etimologias parecem estar corretas. Mas algumas são óbvias e podem ser algum tipo de derivação.

Continuando a etimologia de *pecunia*, Varrão trata da origem de nomes dos animais:

Pecus ‘gado’, vem do fato de que eles *perpasebant* ‘pastavam’; a partir do que todos os rebanhos foram chamados *pecora* ‘bando, rebanho’. E isto porque, naquela época, a *pecunia* ‘riqueza’ do pastor consistia em seu *pecus* ‘rebanho’ (um *pes* ‘pé’ é a base para ficar em posição ereta, por isso diz-se que, nas construções, o piso é um grande *pes*, e daquele que abriu um negócio é dito ter estabelecido seu *pes* ‘posição’), assim, de *pes* ‘pé’, eles deram o nome *pecus*, e, do mesmo modo, *pedica* ‘laço para os pés’, *pedisequus* ‘lacaio’, *ovis peculiariae* ‘ovelha possuída privadamente’ ou qualquer outra coisa do mesmo tipo: essa foi, de fato, a primeira forma de bens. Daí, no começo, alguém fosse sentenciado com um multa em gado, por causa de um *peculatus publicus* ‘peculato/roubo do bem público’, o *pecus* ‘gado’ era arrebanhado em público, se tinha antes sido ocultado. (KENT, 1999, p.91, grifo do autor, tradução nossa).⁹

Segundo Kent (1999, p.90), a *pes* (“pé”) realmente pertencem todas as palavras aqui dadas que começam com *ped-*, mas *pecus* é uma palavra

⁹ “*Pecus* ab eo quod [per]pasebant, a quo pecora universa. Quod in pecore pecunia tum pastoribus consistebat et standi fundamentum pes (a quo dicitur in aedificiis area pes magnus et qui negotium instituit pedem posuisse), a pede pecudem appellarunt, ut ab eodem pedicam et pedisequum et peculatariae oves aliudve quid: id enim peculium primum. Hinc peculatum publicum primo ut cum pecore diceretur multa et id esse<t> coactum in publicum, si erat aversum.”

herdada que não pode ser analisada além disso, e que não tem conexão com *pes* (“pé”) – a isso pertencem todas as palavras analisadas que começam com *pec-*.

Falando de outros animais, Varrão aponta agora para aqueles nomes que, segundo ele, vieram do grego: *sus* (“suíno”) (ὑς); *bos* (“vaca”) (βοῦς); *taurus* (“touro”) (ταῦρος); *ovis* (“ovelha”) (ὄvis), e *uitulus* (“vitelo”) (ἰταλός). Kent (1999, p.92) lembra, como também outros autores, que essas palavras latinas não derivam das gregas, mas vêm de uma ancestral língua em comum. Das cinco, apenas *sus* seja talvez onomatopáica.

Sobre *iuuencus* (“novilho”), Varrão afirma que era assim chamado porque poderia agora *iuuare* (“ajudar”) a cultivar os campos, mas o vocábulo vem de *iuuenis* (“jovem homem”), e não de *iuuare*; sobre *capra* (“cabra”), Varrão certifica que era originalmente *carpa* (“colhedora”), e apresenta uma frase – nas palavras dele (VARRÃO apud KENT, 1999, p.97), “está escrito”: “Tudo colhe a cabra”. Varrão não cita a autoria desta frase, mas a mostra como algo certo, “escrito”, e isto também é um recurso usado para convencer sobre a veracidade da etimologia.

Às vezes, contudo, Varrão se esquivava. No exemplo abaixo, parece não estar certo de alguma etimologia e diz “[...] a menos que venha do grego [...]”:

Porcus ‘porco’ jovem, porque os sabinos designam-no *aprunus porcus* ‘porco javali’. Por isso *porcus* ‘porco’, a menos que venha do grego, porque em Atenas, no Livro dos Sacrifícios, está escrito ‘com um porco de uma porca’. (KENT, 1999, p.97, grifo do autor, tradução nossa).¹⁰

A terceira parte do trecho sobre os mortais destina-se à origem dos nomes de seres que tem a ver com vegetação, ou, como explica Varrão (apud KENT, 1999, p.97, grifo do autor, tradução nossa), “[...] aqueles que dizem viver sem respirar, assim como arbustos.” Diz ser *uirgultum* (“arbusto”), por causa de *uiridis* (“verde”), e *uiridis* de um certo *uis* (“poder”) da umidade. Dessa forma, se essa umidade secasse completamente, o arbusto morreria. Esse exemplo, juntamente com outros dois – *anas* (“pato”), de *nare* (“nadar”) e *cura* (“cuidado”), de *cor uere* (“arder o coração”) –, para Robins (1983, p.38), seriam três exemplos infelizes e típicos da obra de

¹⁰ “Porcus, quod Sabini dicunt apruno porco por; i<n>de porcus, nisi si a Graecis, quod Athenis in libris sacrorum scriptu<m> est porcae porco.”

Varrão e dos estudos etimológicos latinos em geral. Um exemplo duvidoso se refere à palavra *nux* (“noz”), que, segundo Varrão, é assim chamada porque seu suco deixa a pele de uma pessoa preta assim como a *nox* (“noite”) deixa o ar preto. Kent (1999, p.98) concorda que o suco da casca da noqueira realmente deixe na pele uma mancha bem escura, mas a etimologia não é comprovada.

Varrão propõe várias palavras ligadas à vegetação como sendo oriundas do Grego. Algumas palavras podem ter vindo mesmo do Grego – como, por exemplo, *lilium* (“lírio”), de *λείριον* e *sisymbrium* (“menta”), de *σισύβριον* –, mas é sempre bom lembrar que, como já citei antes, as palavras podem ter vindo do ancestral indo-europeu ou ter sido emprestadas durante a história por força dos contatos entre as duas comunidades.

Conclusão

Ao que tudo indica, Varrão não conseguiu fazer por completo o que pretendia – uma etimologia consistente. É certo que, na sua época, não havia tantos recursos para esse tipo de estudo como temos hoje, quando, mesmo havendo etimólogos que insistam em fazer etimologia com base em “achismos”, é possível provar a origem das palavras a partir de estudos aprofundados e materiais concretos. Mas Varrão deixou, em seus escritos, registros importantíssimos da civilização da época. O caráter documental da obra retratou a religião, a política e os costumes dos seus contemporâneos e antepassados. Por isso, sua obra tem grande importância histórica. Um exemplo: no livro V (KENT, 1999, p.69), o autor relata que Juno é também chamada pelos latinos *Iuno Lucina* – *Lucina*, de *lux* (“luz”), indica Juno como deusa do parto – e que o nome *Juno Lucina* foi feito de *iuuare* (“ajudar”) e *lux* (“luz”). “[...] Desse fato, as mulheres a invocam na hora do parto, porque a Lua é a guia daqueles que nascem, já que os meses pertencem a ela [...]”, explica Varrão (apud KENT, 1999, p.67, tradução nossa). Costumes como esse – que até hoje podem ser vistos, pois, para o senso comum, o nascimento está muito ligado à Lua –, são retratados no *De lingua latina* (há várias referências à agricultura e criação de animais, sobretudo à religião e política da época).

É difícil acreditar que Varrão detivesse o conhecimento da etimologia de todas essas palavras relacionadas a lugares, coisas, mortais, imortais, etc., que

aparecem na sua obra. Para comprovar a origem dessas palavras, haveria a necessidade de um tempo extenso, dedicado a estudos sérios. Seria impressionante se suas etimologias estivessem certas, pois são muito bem construídas. Tudo é muito bem explicado (assim como era a mitologia grega, que, para todas as coisas, apresentava uma explicação coerente). Porém, como lembra Cardoso (2003, p.190, grifo do autor),

[...] embora as questões lingüísticas apresentadas sejam hoje motivo de controvérsia e se façam grandes restrições a algumas das hipóteses sugeridas pelo escritor, *Sobre a Língua Latina* é um precioso documento, desde que analisado com o devido cuidado.

VALENZA, G.M. Etymology in Varro: the origin of the mortal and immortal names. *Revista do GEL*, Araraquara, v.2, p.201-214, 2005.

■ **ABSTRACT:** *Varro, a grammarian of the 1st century B.C., in De lingua latina, analyzes several Latin words. This paper presents a study of an excerpt from book V of the aforementioned work, in which Varro explains (or attempts to do so) the origin and meaning of some mortal (men, animals, and plants) and immortal (gods) names.*

■ **KEYWORDS:** *Varro. Etymology. Historic linguistics.*

Referências

ACQUAVIVA, M.C. **Etimologias e expressões pitorescas.** São Paulo: Ícone, 1994.

CÂMARA JR., J.M. **História da lingüística.** Tradução de Maria do Amparo B. de Azevedo. Petrópolis: Vozes, 1975.

CARDOSO, Z.de A. **A literatura latina.** 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CECATO, C. **As Noites Áticas de Aulo Gélío: uma proposta de tradução.** 2005. 156p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

CUNHA, A.G.da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DESBORDES, F. **Concepções sobre a escrita na Roma Antiga**. Tradução de Fulvia M. L. Moretto e Guacira M. Machado. São Paulo: Ática, 1995.

HOUAISS, A. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILARI, R. **Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras**. São Paulo: Contexto, 2002.

KENT, R.G. **Varro: on the latin language: books V-VII**. London: Harvard University Press, 1999.

PEREIRA, M.A. **Quintiliano gramático: o papel do mestre de gramática na *Institutio oratoria***. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 2000.

ROBINS, R.H. **Pequena história da lingüística**. Tradução de Luiz M. M. de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico: 1983.

SILVA, R.M.e. **Tradição gramatical e gramática tradicional**. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2002.

Obras consultadas

BOWMAN, A.K.; WOOLF, G. **Cultura escrita e poder no mundo antigo**. São Paulo: Ática, 1998.

CHAPANSKI, G. **Uma tradução de *Tékhne Grammatiké*, de Dionísio Trácio, para o português**. 2003. 182p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

CARDOSO, Z.de A. **Iniciação ao latim**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2002.

HARVEY, P. **Dicionário Oxford de literatura clássica: grega e latina**. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

PLATÃO. **Diálogos**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 1973.

SEVILLA, I.de. **Etimologías**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1951.